



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A ESCOLA ENQUANTO ESPAÇO DE INCLUSÃO SOCIAL

Autor (a): Lianeide Mayara Bezerra; Coautor (a): Marcondes Alexandre da Silva

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – liamayara@hotmail.com

Universidade Federal da Paraíba – irmaomarcondes@bol.com.br

RESUMO

Este artigo versa sobre o trabalho interdisciplinar realizado em uma turma de 8º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Euclides Lins de Oliveira, localizada na cidade de Serra Caiada/RN. O trabalho, feito em conjunto entre as disciplinas de História e Língua Portuguesa, teve como suporte o projeto *Construindo caminhos para a leitura e a escrita*, projeto elaborado pela Secretaria de Educação e Cultura do município. Nossa proposta é discutir a contextualização dos conteúdos a serem utilizados em sala de aula, de forma que os alunos possam interagir mais e melhor. A problemática foi escolhida tendo por base a necessidade de rever o modo de ensinar e aprender na referida escola, haja vista que os alunos têm apresentado muitas dificuldades de leitura e escrita. Diante disso, buscamos trabalhar temáticas em consonância com a realidade desse alunado, percebendo a interação nas atividades propostas. Como referencial teórico usamos as concepções de Paulo Freire, grande estudioso da educação.

PALAVRAS-CHAVE: INTERDISCIPLINARIDADE; CONTEXTUALIZAÇÃO; INCLUSÃO SOCIAL.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

INTRODUÇÃO

Este trabalho surge da necessidade de repensar o modo de ensinar e aprender na Escola Municipal Euclides Lins de Oliveira, localizada no município de Serra Caiada/RN. Partindo da ideia de que é imprescindível o domínio da leitura, da escrita e da oralidade, como princípios básicos norteadores para que se aprenda minimamente o currículo escolar e se tenha sucesso na vida pessoal e profissional, desenvolveu-se um trabalho entre as disciplinas de História e Língua Portuguesa, a partir do projeto “Construindo caminhos para a leitura e a escrita”.

Tal projeto foi elaborado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Serra Caiada/RN e reelaborado pela equipe pedagógica da referida escola, se constituindo, antes de qualquer coisa, como um instrumento importante para refletir sobre o novo contexto que envolve o ato de ensinar e aprender, entendendo quais as competências necessárias para tais atividades em pleno século XXI.

Ao docente é fundamental conhecer o que, de fato, é importante para seus discentes. Até porque, se o professor não compreender o que é necessário ensinar ao aluno, como este irá compreender? Se o mediador do conhecimento não souber o que fazer/levar/expor, quem irá sabê-lo? Quais são as habilidades necessárias ao dia a dia desses alunos? A escola está realmente preparada para habilitar aqueles que a frequentam com as aptidões necessárias à sua realidade?

Essas e outras inquietações são pano de fundo para as discussões que se pretendem tecer neste artigo, evidenciando a experiência interdisciplinar realizada com os alunos do 8º ano “A”, turma composta por vinte e sete alunos entre quatorze e dezesseis anos, do turno matutino. Esta experiência, realizada em duas semanas, revela a necessidade de refletir a respeito das estratégias a serem utilizadas no processo de letramento, levando em consideração a contextualização dos saberes e as reais necessidades dos educandos.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A ESCOLA COMO ESPAÇO DE APROXIMAÇÃO ENTRE O CONHECIMENTO EMPÍRICO E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO: UM LUGAR PARA SER FELIZ

As dificuldades de aprendizagem enfrentadas pelos alunos do Ensino Fundamental II são realidade incontestável dentro das escolas públicas das Redes Estadual e Municipal de Ensino do Rio Grande do Norte, como mostra a recente reportagem do Jornal Tribuna do Norte¹. Por isso, se faz necessário pensar em estratégias que sejam viáveis para solucionar estas dificuldades, já cristalizadas na escola.

Pensando nessas questões, e tendo como suporte o projeto de leitura já mencionado, buscamos através de textos, músicas, vídeos e cordéis, suscitar nestes alunos discussões sobre a sua própria realidade, proporcionando momentos de construção e reconstrução de saberes, por meio de conteúdos contextualizados. A respeito disso, Freire (1996, p.30) perspicazmente indaga:

Por que não discutir com os alunos a realidade concreta a que se deva associar a disciplina cujo conteúdo se ensina, a realidade agressiva em que a violência é a constante e a convivência das pessoas é muito maior com a morte do que com a vida? Por que não estabelecer uma “intimidade” entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? Por que não discutir as implicações políticas e ideológicas de um tal descaso dos dominantes pelas áreas pobres da cidade? [...]

A ideia do projeto era provocar os estudantes, levando-os a pensarem sobre si mesmos e sobre a importância da leitura, da escrita e da oralidade. Uma vez cientes de seu direito de aprender para interferir na sociedade de maneira que saibam tomar decisões de sucesso diante de situações novas e problematizadoras, os discentes querem conteúdos escolares significativos em suas vidas e que sirvam, antes de tudo, para explicar os fenômenos e as relações sociais de seu cotidiano. Assim, eles poderão questionar o mundo e propor soluções para assuntos que lhe são desafiadores, mudando a sua própria realidade a partir da leitura e da escrita.

Para compreender essa discussão, a partir da escola atual, trabalhamos na perspectiva de Edgard Morin (2006), na qual prega-se que o ser humano é um indivíduo que compreende

¹ Na reportagem elucida-se, dentre outras coisas, o alto índice de repetência e de abandono que chega a 19,23%. Os dados são do Educacenso 2011. Visita ao site <http://tribunadonorte.com.br/noticia/estudo-aponta-mlider-em-evasao/220580> > Em 26 de julho de 2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

uma multidimensionalidade de esferas, dentre as quais podemos destacar a social, a psíquica, a racional, a afetiva e a biológica. E assim, para que a educação constitua um instrumento de formação satisfatória, é necessário que o ser humano seja trabalhado nestas diferentes esferas, e que deste modo, haja uma inclusão social do discente ao mundo a sua volta.

A LEITURA DE MUNDO: INSTRUMENTO DE INTERVENÇÃO, INCLUSÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Para entender o que se lê em um texto é necessário compreender o contexto no qual ele está inserido. Sobre isso Paulo Freire (1989, p. 9) afirma que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente.

Em outras palavras, a melhor forma do leitor compreender o que está lendo é também conhecer o assunto, associando-o à sua própria vivência. A partir dessa compreensão, de que é mais fácil entender o que faz parte do cotidiano, ao invés daquilo que é estranho ao sujeito, passamos a adequar os conteúdos das disciplinas de História e Língua Portuguesa, levando em consideração o contexto dos alunos para que eles pudessem perceber a relação que existe entre os conteúdos programáticos e suas vidas.

Ao executar o projeto “Construindo caminhos para a leitura e a escrita”, selecionamos temas em consonância com a realidade não só da escola, mas, principalmente, dos sujeitos que a formam. Dessa maneira, percebeu-se uma participação maior dos alunos em sala de aula, haja vista que os temas colocados em pauta faziam parte de sua realidade e, por consequência, os interessava bastante.

Compreender o contexto social dos alunos é papel das instituições escolares, bem como incentivá-los a se tornarem sujeitos autônomos, produtores de seu próprio conhecimento, como bem coloca Freire (1996, p. 22) ao afirmar que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ao se depararem com temas que fazem parte de seu cotidiano, os alunos percebem o papel social que tem a leitura, a escrita e a oralidade.

Como exemplo disso, podemos citar duas músicas que escolhemos para analisar em sala de aula junto com os alunos. A primeira delas foi *Triste partida*, de autoria de Patativa do Assaré e interpretada por Luiz Gonzaga, e a segunda foi *Lunário perpetuou*, de Antônio Nóbrega. Na primeira música, os alunos não só discutiram as ideias que perpassam a letra, mas também a cantaram com propriedade e entusiasmo. Já na segunda, não houve interação por parte dos alunos, pois a letra não apresentava elementos que fizessem parte de seu contexto, causando-lhes estranhamento.

A letra da música *Triste partida* aproximou mais os discentes da aula, pois eles identificaram-se bastante com as estrofes que relatam a partida de pessoas em busca do sonho de uma “vida melhor”. A canção fala da seca, da peste, da fome, das dificuldades do homem do campo, da falta de esperança, do apelo a Deus e aos santos, das pessoas que saíram de sua cidade natal para escapar da miséria, do desemprego, da desigualdade social, migrando para o Sul e o Sudeste, como podemos observar nos excertos a seguir:

Assim fala o pobre do seco Nordeste/ com medo da peste/ da fome feroz.

Apela pra março/ que é o mês preferido/ do santo querido/ Senhor São José.
Meu Deus, meu Deus.

Mas nada de chuva/ tá tudo sem jeito/ lhe foge do peito o resto da fé. [...]

Nós vamo a São Paulo/ que a coisa tá feia/ por terras alheia/ nós vamo vagar.

Como muitos dos alunos conhecem essa realidade de perto, pois passaram ou viram seus parentes passarem por situações semelhantes e migrarem em virtude desses mesmos motivos, eles puderam interagir melhor. Além disso, a melodia também agradou os alunos, já que se trata de um ritmo que faz parte de nossa cultura.

Por outro lado, quando ouviram *Lunário perpetuou*, poucos se atreveram a cantar, mesmo que aparentemente tenham gostado da melodia. A letra também lhes causou estranheza e todos afirmaram nunca ter ouvido falar de Antônio Nóbrega, ao contrário de Luiz



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Gonzaga, bastante conhecido por todos eles. Essa canção fala sobre Lunário Perpétuo que, segundo o autor, é livro, almanaque, cartilha, folheto, missal. Com uma linguagem um pouco mais formal, versa sobre este livro andarilho que guarda vozes seculares. Vejamos esse fragmento:

[...] Meu lunário é conselheiro, meu folheto é meu missal, atravessando os milênios, cada ponto cardeal. De norte a sul, de pai para filho, de lá para cá meu livrinho andarilho, fabuloso romançal.

Nessa perspectiva, a relação aluno - conteúdo/cotidiano - sala de aula, leva os discentes a interessarem-se mais pelas aulas, que passam a ter significado para eles. Assim, eles começam a ver a escola como espaço de inclusão social, no qual podem discutir uma mudança política, social e econômica. Ou seja, a escola como instrumento de inclusão e transformação social para eles, como mais uma vez pontua Freire (1996, p.26) ao falar do papel democrático que os professores têm:

O educador democrático não pode negar-se ao dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que se devem “aproximar” dos objetos cognoscíveis.

Além das músicas, trabalhamos também com vídeos e cordéis (ver anexos) que tratavam de temas do cotidiano desses alunos, abrindo debates referentes à inclusão social, preconceito racial, preconceito socioeconômico, intolerância religiosa, entre outros. Após cada uma dessas atividades, os alunos podiam interagir, expondo sua opinião, construindo e desconstruindo saberes.

Depois dos debates, sugerimos como atividade a produção de cordéis, feitos em grupo, e sobre temas dos quais eles tivessem interesse de falar. Para tanto, este gênero literário foi apresentado, bem como os conceitos de verso, estrofe, rima, ritmo e sentido figurado. O resultado foi muito proveitoso, originando cordéis sobre Racismo e Negritude (01); Deficiência (2); Preconceito étnico e religioso (3); e Preconceito socioeconômico (4).



Essas produções foram de suma importância para que eles pudessem perceber o poder da leitura, da escrita e da oralidade, como atividades responsáveis pela construção de seus próprios saberes e valores. Todas as produções foram revisadas e reescritas com a ajuda dos docentes e, em seguida, os alunos confeccionaram, escreveram e ilustraram os seus livretos de cordel.

Nestes cordéis pode-se perceber não só a interação dos alunos, mas também o interesse em discutir e escrever corretamente sobre os temas que eles mesmos escolheram. Além disso, essa escrita representava para eles uma forma de intervir no mundo a sua volta, pois trataram de temas de seu cotidiano, colocando suas impressões e vivências, mostrando que ponto de vista eles tinham.

Freire (1996, p.98) fala sobre a educação como forma de intervir no mundo:

[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento. [...]

Aos professores, cabe a missão de estimularem seus alunos, instigando-os a construir e reconstruir seus próprios conhecimentos. Freire fala a respeito da curiosidade que os alunos precisam ter para buscar esse aprendizado e de como o professor deve se posicionar diante disso:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura do esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos. (FREIRE, 1996, p.32)

[...] quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – *a de ensinar e não a de transferir conhecimento*. (FREIRE, 1996, p.47)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do projeto demonstrou, por meio dos resultados percebidos em sala de aula, o quanto a contextualização é importante no sentido de aproximar o aluno dos conteúdos escolares, fazendo com que ele compreenda não só os conhecimentos adquiridos na escola, mas também de que maneira poderá utilizá-los em sua vida, no seu dia a dia.

Além disso, essa aproximação dos alunos também corrobora em sua inclusão social, haja vista que a partir disso, eles sentem-se parte desta instituição que tantas vezes se mostra tão excludente. A escola tem esse papel de formar os alunos e precisa ser um ambiente em que não haja intolerância, preconceito ou exclusão, e essa iniciativa deve partir dos professores, peças fundamentais para a reconstrução desse cenário, conferindo autonomia aos alunos:

A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é transferir, depositar, oferecer, doar ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de inteligir, desafiar o educando com quem se comunica e a quem se comunica, produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. (FREIRE, 1996, p. 38)

Desse modo, conclui-se que levar os alunos a estudarem conteúdos que atribuam sentido as suas vidas, faz com que eles os compreendam melhor e tenham consciência do poder social desempenhado pela leitura, pela escrita e pela oralidade. Para tanto, se faz necessário que o professor tenha consciência do contexto no qual eles estão inseridos, se mostrando aberto aos seus chamamentos, como bem coloca Freire (1996, p.134):

[...] Estar disponível é estar sensível aos chamamentos que nos chegam, aos sinais mais diversos que nos apelam, ao canto do pássaro, á chuva que cai ou que se anuncia na nuvem escura, ao riso manso da inocência, à cara carrancuda da desaprovação, aos braços que se abrem para acolher ou ao corpo que se fecha na recusa. [...]



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Diante disso, reforça-se a importância de atentarmos para a adequação dos conteúdos programáticos, levando em consideração o seu papel enquanto instrumentos que propiciem aos educandos a sua autonomia e inclusão social.

ANEXOS – MATERIAL UTILIZADO EM SALA DE AULA

I - FOLHETOS DE CORDEL

LOPES, Cosme. **UM DEFICIENTE? UM EXEMPLO**. L. de Cordel. Ceará Mirim/RN, 2007

NASCIMENTO, Varneci Santos do. **A Resistência Negra**. L. de Cordel. Guarabá/PB, 2006.

_____. **Branco cuidado: Deus pode ser Negro**. L. de Cordel. Guarabá/PB, 2004.

_____. **Iniciação Sexual na Zona Rural**. L. de Cordel. Guarabá/PB, 2005.

II – MÚSICAS

Lunário perpetuo, de Antônio Nóbrega.

Triste partida, de Patativa do Assaré.

III – VÍDEOS

Campanha fantástica contra o preconceito

(<https://www.youtube.com/watch?v=7X9EvKKtvZ4>)

Preconceito no elevador (<https://www.youtube.com/watch?v=1HnZq2KCLHU>)

Red (<https://www.youtube.com/watch?v=HwCAvR2ICZw>)

Perfeito (<https://www.youtube.com/watch?v=lmowkpTfAw4>)

Racismo no avião (<https://www.youtube.com/watch?v=Ye-wfJfAHDI>)



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 29 ed. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Conscientização: Teoria e Prática de Libertação**. . São Paulo. Editora Centauro, 2007.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.